

JAMES JOYCE

Ulysses

Tradução de
CAETANO W. GALINDO

Introdução de
DECLAN KIBERD

Coordenação editorial de
PAULO HENRIQUES BRITTO



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução © 1922 by Declan Kiberd

*Para esta edição, foi utilizado o texto de 1922,
publicado na França pela Shakespeare & Co.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Ulysses

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

TRADUÇÃO DA INTRODUÇÃO

Guilherme Gontijo Flores

EDIÇÃO DE TEXTO

Paulo Henriques Britto

André Conti

REVISÃO

Huendel Viana

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Joyce, James

Ulysses/ James Joyce; tradução de Caetano W. Galindo;
introdução de Declan Kiberd; coordenação editorial de Paulo
Henriques Britto. — 1ª ed — São Paulo: Penguin Classics Com-
panhia das Letras, 2012.

Título original: Ulysses

ISBN 978-85-63560-42-1

1. Ficção irlandesa I. Kiberd, Declan. II. Britto, Paulo
Henriques. III. Título.

12-03401

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção: Literatura irlandesa ir823.9

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Nota do tradutor	7
Introdução — Declan Kiberd	13
ULYSSES	93

Solene, o roliço Buck Mulligan surgiu no alto da escada, portando uma vasilha de espuma em que cruzados repousavam espelho e navalha. Um roupão amarelo, com cingulo solto, era delicadamente sustentado atrás dele pelo doce ar da manhã. Elevou a vasilha e entoou:

— *Introibo ad altare Dei.*

Detido, examinou o escuro recurvo da escada e invocou ríspido:

— Sobe, Kinch. Sobe, seu jesuíta medonho.

Altivo ele se adiantou e subiu na plataforma de tiro redonda. Olhou à volta e abençoou sério e por três vezes a torre, o campo em torno e as montanhas que acordavam. Então, percebendo Stephen Dedalus, ele se inclinou em sua direção e fez cruces rápidas no ar, arrulhando na garganta e sacudindo a cabeça. Stephen Dedalus, contrafeito e sonolento, apoiava os braços no alto da escadaria e olhava frio o arrulhante rosto balouçante que o abençoava, equino por seu comprimento, e o cabelo claro intonso, com matiz e textura de pálido carvalho.

Buck Mulligan espiou um instante sob o espelho e então cobriu rápido a vasilha.

— De volta à caserna, disse peremptório.

Acrescentou em tom sacerdotal:

— Pois isto, ó mui estimados, é a genuína Christina:

corpo chagado, alma e sangue. Música lenta, por favor. Fechem os olhos, cavalheiros. Um momento. Probleminha aqui com esses corpúsculos brancos. Silêncio, todo mundo.

Ele olhou de canto ao alto e soltou um longo assovio baixo, um chamado, então suspendeu-se um instante em enlevada atenção, regulares dentes brancos brilhando cá e lá em pontos dourados. Chrysostomos. Dois assovios fortes e estridentes cruzaram a calmaria.

— Obrigado, meu camarada, ele gritou bruscamente. Está mais do que bom. Corte a corrente, por favor.

Saltou da plataforma e olhou sério seu vigia, recolhendo pelas pernas as pregas frouxas do roupão. O rosto roliço na sombra e a mandíbula oval melancólica evocavam um prelado, patrono das artes na Idade Média. Um sorriso agradável rompeu calado seus lábios.

— Brincadeira, ele disse, alegre. Esse teu nome absurdo, um grego antigo!

Apontou com o dedo brincando inofensivo e foi até o parapeito, rindo sozinho. Stephen Dedalus subiu, seguiu-o sombrio até o meio do caminho e sentou na beirada da plataforma, olhando-o ainda enquanto instalava o espelho no parapeito, mergulhava o pincel na vasilha e espumava bochechas e pescoço.

A voz alegre de Buck Mulligan prosseguia.

— O meu nome também é absurdo: Malachi Mulligan, dois dátilos. Mas tem um toque helênico, não tem? Ágil e radiante como um buque de guerra. A gente tem que ir a Atenas. Você vem se eu conseguir que a tia arranje vinte pratos?

Pôs de lado o pincel e, rindo deleitado, gritou:

— Se ele vem? O jesuíta jejuo.

Cessando, começou a se barbear com cuidado.

— Diga, Mulligan, Stephen disse baixinho.

— Sim, meu amor.

— Quanto tempo o Haines vai ficar aqui na torre?

Buck Mulligan exibiu uma bochecha barbeada por sobre o ombro direito.

— Meu Deus, ele não é horroroso? disse com franqueza. Saxãozinho casmurro. Ele acha que você não é um cavalheiro. Meu Deus, esses ingleses desgraçados! Entupidos de dinheiro e de comida. Porque vem de Oxford. Sabe, Dedalus, você é que tem o verdadeiro estilo de Oxford. Ele não consegue te destrinchar. Ah, o meu nome pra você é que é o melhor: Kinch, o gume de faca.

Barbeava atento o queixo.

— Ele ficou a noite inteira delirando sobre uma pantera negra, Stephen disse. Cadê o estojo da carabina dele?

— Um lunático digno de lástima! Mulligan disse. Deu medinho?

— Sim, Stephen disse com energia e temor crescente. Aqui longe de tudo no escuro com um sujeito que eu não conheço delirando e murmurando sozinho sobre atirar em uma pantera negra. Você salvou gente que estava se afogando. Mas eu não sou herói. Se ele fica eu saio.

Buck Mulligan encarou com um olhar de censura a espuma na navalha. Pulou de seu poleiro e começou a revistar os bolsos da calça apressado.

— Sebo, gritou abafado.

Veio até a plataforma e, metendo a mão no bolso do peito de Stephen, disse:

— Empresta aí esse teu portameleca pra limpar a minha navalha.

Stephen tolerou que ele arrancasse e exibisse por um canto um lenço sujo amarrotado. Buck Mulligan limpou cuidadoso a navalha. Então, perscrutando o lenço, ele disse:

— O portameleca do bardo. Uma nova cor pra paleta dos nossos poetas irlandeses: verderranho. Quase dá pra sentir o gosto, não é?

Subiu novamente até o parapeito e mirou por sobre a baía de Dublin, seus claros cabelos de carvalhopálido mexendo leves.

— Meu Deus, ele disse baixo. Não é que o mar é bem aquilo que o Algy diz: uma doce mãe cinzenta? O mar verderranho. O mar encolhescroto. *Epi oinopa ponton*. Ah, Dedalus, os gregos! Eu tenho que te ensinar. Você precisa ler no original. *Thalatta! Thalatta!* É a nossa doce mãe imensa. Vem ver.

Stephen levantou e foi até o parapeito. Apoiado nele olhou para baixo, para a água e o barcopostal que cruzava a boca do porto de Kingstown.

— Nossa mãe poderosa. Buck Mulligan disse.

Desviou abrupto seus grandes olhos mirantes do mar para o rosto de Stephen.

— A tia acha que você matou a tua mãe, ele disse. Por isso que ela não quer que eu me dê com você.

— Alguém matou, Stephen disse lúgubre.

— Porra, Kinch, você podia ter se ajoelhado, quando a tua mãe moribunda pediu, Buck Mulligan disse. Eu sou hiperbóreo tanto quanto você. Mas só de pensar na tua mãe implorando com o último alento pra você se ajoelhar e rezar por ela. E você recusou. Tem alguma coisa sinistra em você...

Ele se interrompeu e de novo suave espumou a bochecha de lá. Um sorriso tolerante curvou-lhe os lábios.

— Mas um gracioso lindo! murmurou consigo mesmo. Kinch, o gracioso mais lindo de todos!

Barbeava-se rente e cuidadosa, em silêncio, seriamente.

Stephen, um cotovelo descansado no rugoso granito, punha a palma contra a testa e encarava a borda esgarçada da brilhante manga preta de seu casaco. Dor, que não era ainda a dor do amor, roía-lhe o coração. Calada, em um sonho ela viera a ele após a morte, o corpo gasto na larga mortalha marrom exalando um odor de cera e de jacarandá, o hálito, que se tinha curvado sobre ele, mudo, reprovador, um vago odor de cinzas úmidas. Pelo punho puído da camisa ele via o mar saudado como doce mãe imensa pela bem alimentada voz a seu lado.

O anel de baía e horizonte continha opaca massa verde de líquido. Uma vasilha de porcelana branca ficara ao lado de seu leito de morte contendo a bile verde estagnada que ela arrancara do fígado podre em ataques de vômito em altos gemidos.

Buck Mulligan limpava de novo a navalha.

— Ai, coitado do irmãodasalmas! disse numa voz doce. Eu preciso te dar uma camisa e uns portamelecas. Como é que vão as pantalonas de segunda mão?

— Serviram direito, Stephen respondeu.

Buck Mulligan atacou o oco sob o lábio inferior.

— Brincadeira, ele disse contente. Elas deviam ser é de segunda perna. Sabe lá qual zèninguém sarnento largou essa calça. Eu tenho uma linda com uma risca fina, cinza. Você vai ficar supimpa com ela. Eu não estou brincando, Kinch. Você fica bem à beça quando está bem vestido.

— Obrigado, Stephen disse. Eu não posso usar se for cinza.

— Ele não pode usar a calça, Buck Mulligan contou a seu rosto no espelho. Etiqueta é etiqueta. Mata a mãe mas não pode usar calça cinza.

Dobrou a navalha cuidadoso e com palpos carícios dos dedos sentiu a pele lisa.

Stephen desviou os olhos do mar e para o rosto roliço de móveis olhos azuisfumaça.

— Aquele sujeito que estava comigo no Ship ontem à noite, disse Buck Mulligan, diz que você tem p.g.p. Ele está trabalhando lá na casinha dos doidos com o Connolly Norman. Paralisia geral progressiva.

Varreu com o espelho no ar um semicírculo por transmitir a boa nova ao mundo com a luz do sol já radiante sobre o mar. Seus recurvos lábios glabros riam e as bordas dos brilhantes dentes brancos. O riso tomou todo seu tronco forte e sólido.

— Olhe só pra você, ele disse, seu bardo horroroso!

Stephen se inclinou e examinou o espelho que lhe era oferecido, trincado por um talho torto. Cabelo em pé. Como ele e outros me veem. Quem escolheu este rosto para mim? Este irmãodasalmas cheio de vermes? Também ele me pergunta.

— Eu surripiei isso aí lá do quarto da arrumadeira, Buck Mulligan disse. Pra ela está ótimo. A tia sempre contrata umas criadas feiosas por causa do Malachi. Não o deixeis cair em tentação. E ainda se chama Ursula.

Rindo de novo, levou o espelho para longe dos olhos interrogativos de Stephen.

— A ira de Caliban ao não ver o seu rosto no espelho, ele disse. Ah se o Wilde estivesse vivo pra te ver!

Recuando e apontando, Stephen disse com amargura.

— É um símbolo da arte irlandesa. O espelho rachado de uma criada.

Buck Mulligan repentinamente enganchou o braço no de Stephen e andou com ele à roda da torre, navalha e espelho entrechocando-se no bolso em que os tinha posto.

— Não é justo provocar você desse jeito, não é, Kinch? ele disse gentil. Deus sabe que você tem mais espírito que qualquer um deles.

Aparando de novo. Ele teme a lanceta de minha arte como eu temo a da sua. A gélida caneta de aço.

— Espelho rachado de uma criada. Diz isso pro oxfordianozinho bovino aí embaixo e arranca um guinéu dele. Ele fede a dinheiro e acha que você não é um cavalheiro. O velho dele fez o pèdemeia vendendo mezinha pros zulus ou com outro golpe safado desses aí. Meu Deus, Kinch, se a gente pudesse trabalhar junto dava pra fazer alguma coisa pela ilha. Helenizar.

O braço de Cranly. Seu braço.

— E pensar que você tem que mendigar com esses porcos. Eu sou o único que sabe o que você é. Por que você não confia mais em mim? O que é que você tem atrás da orelha contra mim? É o Haines? Se ele fizer qualquer baru-

lhinho aqui eu vou buscar o Seymour e a gente vai dar uma coça nele, pior do que a que deram no Clive Kempthorpe.

Jovem grita de vozes endinheiradas nos aposentos de Clive Kempthorpe. Caraspálidas: seguram as costelas de tanto rir, um enlaçando o outro, Ai, eu vou bater as botas! Conta pra ela com cuidado, Aubrey! Eu vou morrer! Com tiras talhadas da camisa fustigando o ar ele salta e coxeia à roda da mesa, as calças nas canelas, caçado pelo Ades do *Magdalen* com as cisalhas de alfaiate. Um rosto de novinho apavorado ornado de geleia. Eu não quero trote! Não me façam de bobo!

Grita da janela aberta espantando entardecer no gramado. Um jardineiro surdo, de avental, mascarado com o rosto de Matthew Arnold, empurra seu cortador pela grama sombria observando estreitamente os tufos dançantes de erva.

Para nós próprios... neopaganismo... *omphalos*.

— Deixe que fique, Stephen disse. Não há nada de errado com ele, é só à noite.

— Então o que é? Buck Mulligan perguntou impaciente. Vomita de uma vez. Eu sou bem franco com você. O que é que você tem contra mim agora?

Eles se detiveram, olhando na direção do obtuso cabo de Bray Head que repousava na água como o focinho de uma baleia adormecida. Stephen libertou seu braço calmamente.

— Você quer mesmo que eu diga? ele perguntou.

— Quero, o que é? Buck Mulligan respondeu. Eu não me lembro de nada.

Olhava para o rosto de Stephen enquanto falava. Um vento leve cruzou-lhe a testa, soprando suave o cabelo claro em desalinho e agitando pontos prata de ansiedade em seus olhos.

Stephen, deprimido pela própria voz, disse:

— Você lembra o primeiro dia em que eu fui à sua casa depois da morte da minha mãe?

Buck Mulligan fechou rápido a cara e disse:

— O quê? Onde? Eu não me lembro de nada. Eu só lembro ideias e sensações. Por quê? O que foi que aconteceu pelo amor de Deus?

— Você estava fazendo chá, Stephen disse, e eu cruzei o patamar para buscar mais água quente. A sua mãe e uma visita saíram da saladestar. Ela perguntou quem estava no seu quarto.

— É? Buck Mulligan disse. O que foi que eu disse? Eu não lembro.

— Você disse, Stephen respondeu, *Ah, é só o Dedalus; a mãe dele morreu estupidamente.*

Um rubor que o fez parecer mais jovem e mais atraente subiu à bochecha de Buck Mulligan.

— Eu disse isso mesmo? ele perguntou. E daí? O que é que tem?

Ele se livrava nervoso de seu constrangimento.

— E a morte é o quê, ele perguntou, a da tua mãe ou a tua ou a minha? Você viu só a tua mãe morrer. Eu vejo gente apagando todo dia na *Mater* e no *Richmond* e cortada em tripas na sala de vivissecção. É uma coisa estúpida e só. Simplesmente não importa. Você não quis se ajoelhar pra rezar pela tua mãe no leito de morte quando ela pediu. Por quê? Porque você tem o maldito do sangue jesuíta, só que injetado ao contrário. Pra mim é tudo uma piada, e estúpida. Os lobos cerebrais dela não estão funcionando. Ela chama o doutor sir Peter Teazle e colhe amoresperfeitos da colcha. É animar a coitada até acabar tudo. Você contrariou o último desejo dela à beira da morte e ainda assim se aborrece comigo porque eu não sou gemebundo que nem uma carpideira contratada no *Lalouette*. É um absurdo! Digamos que eu tenha dito isso. Eu não quis ofender a memória da tua mãe.

O discurso o levava à coragem. Stephen, cobrindo as feridas escancaradas que as palavras lhe deixaram no peito, disse muito friamente:

— Eu não estou pensando na ofensa à minha mãe.

— Em quê, então? Buck Mulligan perguntou.

— Na ofensa a mim, Stephen respondeu.

Buck Mulligan girou nos calcanhares.

— Ah, sujeitinho impossível! exclamou.

Ele se afastou veloz seguindo o parapeito. Stephen manteve seu posto, olhando por sobre o mar calmo na direção do promontório. Mar e terra escureciam. Seu sangue pulsava nos olhos, velando-lhes a vista, e ele sentia a febre de seu rosto.

Uma voz dentro da torre chamou alto:

— Você está aí em cima, Mulligan?

— Estou indo, Buck Mulligan respondeu.

Virou para onde estava Stephen e disse:

— Olhe o mar. Parece que ele liga pra essas ofensas? Esquece o Loyola, Kinch, e desce. O inglesinho quer o seu toucinho matinal.

Sua cabeça se deteve de novo por um momento no alto da escada, no nível do teto.

— Não fique se lamentando o dia inteiro por causa disso, ele disse. Eu sou um inconsequente. Larga mão dessa cisma casmurra.

Sua cabeça sumiu mas o zumbido de sua voz descendente troava da escadaria:

E já não mais cisme e desvie

Do amargo mistério do Amor

Pois Fergus tange os carros brônzeos.

Sombras vegetavam silentes na paz da manhã flutuantes da escada ao mar para onde olhava. Na praia e mais além embranquecia o espelho d'água, pisado por pés lépidos e leves. Seio branco do mar turvo. Parelhas de pulsos, dois a dois. Mão tangendo as cordas de harpa fundindo-lhe os acordes geminados. Palavras pálidas do pélagos aos pares rebrilhando na turva maré.

Uma nuvem começou a cobrir o sol lenta, toldando a baía de um verde mais fundo. Restava atrás dele, vasilha de águas amargas. A canção de Fergus: eu cantei sozinho na casa, segurando os longos acordes sombrios. Sua porta estava aberta: ela queria ouvir minha música. Calado por pavor e pena fui até sua cabeceira. Ela chorava em seu leito miserável. Por causa daquelas palavras, Stephen: *o amargo mistério do Amor.*

Onde agora?

Seus segredos: velhos leques de plumas, cartões de dança debruados, polvilhados de almíscar, rosário de contas de âmbar em sua gaveta trancada. Uma gaiola pendurada na janela ensolarada de sua casa quando era menina. Ela ouviu o velho Royce cantar na pantomima de Turko o terrível e riu com outros quando ele cantou:

*Pois afinal
Eu tenho a tal
Invisibilidade.*

Alegria fantasmática, recolhida redobrada: almiscarada.

E já não mais cisme e desvie.

Recolhida redobrada na memória da natureza com brinquedos que eram dela. Lembranças tomavam seu cérebro que cismava. O copo de água da torneira da cozinha quando ela recebera o sacramento. Uma maçã sem coração, cheia de açúcar mascavo, assando para ela no fogão em uma noite escura de outono. Suas unhas desenhadas vermelhas do sangue dos piolhos esmagados das camisas das crianças.

Em um sonho, calada, viera-lhe ela, o corpo gasto na mortalha larga exalando um odor de cera e de jacarandá, seu hálito curvado sobre ele com mudas palavras secretas, um vago odor de cinzas úmidas.

Seus olhos baços, fitando fixos, dentre os mortos, por abalar e dobrar minha alma. Só em mim. A velafantasma para iluminar sua agonia. Luz fantasmal sobre o rosto torturado. Seu hálito rouco ruidoso esbatendo-se em pânico, quando todos rezavam de joelhos. Seus olhos em mim por me fazer ao chão. *Liliata rutilantium te confessorum turma circumdet: iubilantium te virginum chorus excipiat.*

Assombração! Mascador de cadáveres!

Não, mãe. Deixe-me estar e me deixe viver.

— Kinch, ó de bordo!

A voz de Buck Mulligan cantava de dentro da torre. Ela se aproximou pela escadaria, chamando de novo. Stephen, tremendo ainda com o grito de sua alma, ouviu quente luz do sol corrente e no ar atrás de si palavras amigas.

— Dedalus, desce, como um bom lerdinho. O café da manhã está pronto. O Haines está pedindo desculpa por ter acordado a gente de noite. Está tudo bem.

— Já vou, disse Stephen, virando.

— Vem, pelo amor do bom Jesus, Buck Mulligan disse. Pelo meu amor e pelo amor de todo mundo.

Sua cabeça desapareceu e reapareceu.

— Eu disse pra ele o teu símbolo da arte irlandesa. Ele disse que é muito bem pensado. Arranca uma prata dele, certo? Um guinéu, melhor.

— Eu recebo hoje de manhã, Stephen disse.

— O michê da escola? Buck Mulligan disse. Quanto? Quatro pratas? Emprста uma aí.

— Se é o que você quer, Stephen disse.

— Quatro reluzentes soberanos, Buck Mulligan gritou de prazer. A gente vai tomar uma gloriosa carraspana de espantar os druidas droidos. Quatro onipotentes soberanos.

Ele lançou as mãos para o alto e desceu pisoteando os degraus de pedra, cantando desafinado com um sotaque popularesco.

*Vamo se diverti um bocadinho
 Bebeno uísque, cerveja e vinho
 Na coroação
 No dia da coroação?
 Vamo se diverti um bocadinho
 No dia da coroação?*

Quente luz do sol gaudiente sobre o mar. A vasilha de barba niquelada brilhava, esquecida, no parapeito. Por que eu deveria levá-la para baixo? Ou deixá-la ali o dia todo, amizade esquecida?

Foi até ela, segurou-a nas mãos por um momento, sentindo-lhe o frio, cheirando a baba mole da espuma em que se cravava o pincel. Assim eu levei a naveta de incenso nos dias de Clongowes. Sou outro agora e no entanto o mesmo. Um criado também. Um servo de um criado.

Na sombria saladestar abobadada da torre a forma cingida de Buck Mulligan se movia ríspida em torno da lareira de um lado para outro, velando e revelando seu brilho amarelo. Dois feixes de leve luz do dia caíam das altas barbacãs pelo chão lajeado: e no encontro de seus raios fluava uma nuvem de fuligem e de fumos de gordura frita, rodando.

— Nós vamos sufocar, Buck Mulligan disse. Haines, abre aquela porta, por favor?

Stephen depôs a vasilha no armário. Uma figura alta surgiu da rede onde estivera sentada, foi até a porta e abriu as folhas internas puxando-as para si.

— A chave está com você? uma voz perguntou.

— Está com o Dedalus, Buck Mulligan disse. Virgem, eu estou sufocando!

Ele urrou sem levantar os olhos do fogo:

— Kinch!

— Está na fechadura, Stephen disse, avançando.

A chave rodou arranhando feio duas vezes e, quando a porta pesada tinha sido entreaberta, entraram ar

brilhante e luz benvida. Haines ficou no limiar, olhando para fora. Stephen guindou sua valise ereta para a mesa e sentou esperando. Buck Mulligan jogou a fritada na travessa a seu lado. Carregou então a travessa e um grande bule até a mesa, largou-os pesadamente e suspirou aliviado.

— Ai, que me derreto, ele disse, como declarou a vela quando... Mas, caluda. Nem mais uma palavra sobre o assunto! Kinch, acorda. Pão, manteiga, mel. Haines, vem pra dentro. O rancho está pronto. Abençoa, senhor, o que iremos comer. Cadê o açúcar? Cruzes, não tem leite.

Stephen pegou o pão e o pote de mel e a manteigueira no armário. Buck Mulligan sentou-se numa birra repentina.

— Que tipo de michê é essa dona? ele disse. Eu disse pra ela vir depois das oito.

— A gente pode tomar puro, Stephen disse. Tem um limão no armário.

— Ah, vá à merda, você e essas tuas modas parisienses! Buck Mulligan disse. Eu quero leite de Sandycove.

Haines veio da porta e disse tranquilo:

— Aquela mulher vem vindo com o leite.

— As bênçãos do senhor sobre você, Buck Mulligan gritou, saltando da cadeira. Senta. Serve aí esse chá. O açúcar está no saco. Dá aqui, será que alguém me alcança aqueles ovos, cacete. Ele partiu a fritada na travessa e a estatelou em três pratos, dizendo:

— *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.*

Haines sentou para servir o chá.

— Eu vou pôr dois torrões pra cada um, ele disse. Mas, olha, Mulligan, você faz um chazinho bem forte, hein?

Buck Mulligan, decependo grossas fatias do pão, disse na voz adúladora de uma velhinha:

— Se cês quer chá, eu faço chá, como dizia a velha dona Grogan. Se cês quer xixi, eu faço xixi.

— Benza Deus, isso aqui é chá, Haines disse.

Buck Mulligan seguia decependo e adulando:

— *Faço mesmo, Seora Cahill*, diz ela. *Virgem santa, dona*, diz a senhora Cahill, *Deus queira que a senhora não faça os dois no mesmo jarro.*

Ele estendeu a um de seus confrades por vez uma grossa fatia de pão, empalada na faca.

— Folclore, disse com toda a sinceridade, pro teu livro, Haines. Cinco linhas de texto e dez páginas de notas sobre o povo e os deusespeixes de Dunderum. Impresso pelas irmãs loucas no ano do vendaval.

Ele virou para Stephen e perguntou numa voz polida e intrigada, erguendo as sobrancelhas:

— Consegues recordar, irmão, se o jarro de dona Grogan estaria mencionado no Mabinogion ou acaso será nos Upanixades?

— Tenho cá minhas dúvidas, disse Stephen sério.

— Deveras, então? Buck Mulligan disse no mesmo tom. Teus motivos, data vênia?

— Conjecturo, Stephen disse enquanto comia, que ela não exista no Mabinogion e nem fora dele. Dona Grogan, imagina-se, era uma parenta de Mary Ann.

O rosto de Buck Mulligan sorriu deleitado.

— Delicioso, ele disse em uma doce voz refinada, mostrando os dentes brancos e piscando os olhos divertido. Achas mesmo que era? Deliciosíssimo.

Então, enfarruscando repentino os traços todos, ele urrou com uma voz rascante enrouquecida enquanto decepava de novo vigoroso o pão:

— *Porque a velha Mariana
Pouco se importa ou se dana,
Mas, levantando a anágua...*

Entupiu a boca com os ovos e mastigava e cantarolava. Escurecera o limiar uma forma que entrava.

— O leite, senhor.

— Entre, dona, Mulligan disse. Kinch, pega a jarra.

Uma velha adiantou-se e se postou junto ao cotovelo de Stephen.

— Que manhã bonita, senhor, ela disse. Glória ao Senhor nosso Deus.

— Quem? Mulligan disse, lançando-lhe um olhar. Ah, lógico.

Stephen se esticou e tirou a jarra de leite do armário.

— Os ilhéus, Mulligan disse a Haines casualmente, mencionam com frequência o colecionador de prepúcios.

— Quanto, senhor? perguntou a velha.

— Um quartilho, Stephen disse.

Ele a observou que vertia na medida e dali para a jarra gordo leite branco, não seu. Peitos velhos mirrados. Verteu de novo uma medida e uma quebra. Secreta e velha, entra vinda de um mundo matinal, quem sabe uma mensageira. Louvava a virtude do leite, vertendo. Agachada ao lado de uma vaca paciente na aurora do campo opulento, uma bruxa em seu cogumelo, velozes os dedos enrugados nas tetas que espirravam. Mugiam em volta dela, sua conhecida, gado sedosorvalhado. Seda da grei e pobre velhinha, nomes que ganhara nos tempos antigos. Uma velhusca errante, forma rebaixada de um imortal servindo seu conquistador e seu alegre traidor, ambos adúlteros seus, ela, núncio da manhã secreta. Servir ou vergastar, ele não sabia dizer qual: mas desdenhava implorar seu favor.

— É verdade, dona, Buck Mulligan disse, servindo o leite em suas xícaras.

— Prove, senhor, ela disse.

Ele bebeu instado por ela.

— Ah se a gente pudesse viver de comida boa que nem essa, disse a ela algo alto demais, o país não ia estar cheio de dente podre e tripa podre. Morando num manguezal, comendo comida barata e com as ruas pavimentadas de pó, bosta de cavalo e escarro de tísico.